



Educación Popular no Chile Pós-Ditadura: entrevista com Daniel Fauré Polloni

Educación Popular en Chile Postdictadura: entrevista con Daniel Fauré Polloni

Ian Gabriel Couto Schlindwein

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Campinas/SP - Brasil

Resumo

Nessa entrevista, realizada em 2024, Daniel Fauré Polloni fala dos impactos e transformações da Educação Popular com a Transição para a Democracia no Chile. Propomos compreender como, nesse cenário, os movimentos vinculados a este campo tiveram suas práticas afetadas pelas transformações da década de 1990, especialmente no que se refere à vinculação entre as lutas populares e as memórias coletivas. A partir disso, o entrevistado tece sobre as relações – ou falta delas – entre as diferentes gerações de educadoras e educadores populares, suas formas de organização, atuação e articulação, também abordando como distintos grupos do pós-ditadura trabalharam com as memórias dos movimentos populares ou com a história da Educação Popular. Além disso, comenta sobre as tensões e dificuldades da atuação da Educação Popular no Estado no contexto chileno. Daniel Fauré Polloni é historiador social e educador popular. Participou de diversas organizações de Educação Popular e escreveu livros e artigos sobre este campo. Atualmente é coordenador geral do programa “Memórias de Chuchunco”.

Palavras-chave: Memória; Movimentos Populares; Daniel Fauré Polloni.

Resumen

En esta entrevista, realizada en 2024, Daniel Fauré Polloni habla sobre los impactos y las transformaciones de la Educación Popular con la Transición a la Democracia en Chile. Proponemos comprender cómo, en este escenario, los movimientos vinculados a este campo tuvieron sus prácticas afectadas por las transformaciones de la década de 1990, especialmente en lo que se refiere al vínculo entre las luchas populares y las memorias colectivas. A partir de ahí, el entrevistado aborda las relaciones – o la falta de ellas – entre las diferentes generaciones de educadoras y educadores populares, sus formas de organización, actuación y articulación, así como los distintos grupos de la postdictadura trabajaron con las memorias de los movimientos populares o con la historia de la Educación Popular. Además, comenta sobre las tensiones y dificultades de la Educación Popular en el Estado chileno. Daniel Fauré Polloni es historiador social y educador popular. Participó en diversas organizaciones de Educación Popular y es autor de libros y artículos sobre este campo. Actualmente es coordinador general del programa "Memorias de Chuchunco".

Palabras clave: Memoria; Movimientos Populares; Daniel Fauré Polloni.

Introdução

Daniel Fauré Polloniⁱ é historiador social e educador popular nascido em 1982, em Santiago do Chile. Em sua trajetória participou em diferentes organizações de Educação Popular, como a Universidad Social Eduardo Galeano, o MOVER - Movimiento Nacional de Educadoras y Educadores Populares, o Colectivo Paulo Freire-Chile e o Preuniversitario Popular de La Legua. Hoje, é coordenador geral do “Memorias de Chuchunco”, programa que nasceu associado ao Departamento de História da Universidad de Santiago de Chile e que atualmente é um Centro de Investigación Popular Autônomo. Neste centro de produção de saberes, se vincula a História Social Popular com a Educação Popular e outras metodologias participativas, trabalhando em bairros populares de Santiago, particularmente na comuna de Estación Central. Daniel Fauré possui diversos livros e artigos sobre Educação Popular. Entre os mais recentes, está o livro *A construir soberanía popular y educación popular constituyente. Guía práctica para movimientos Sociales*ⁱⁱ (escrito em 2022, junto com Mario Garcés), além dos artigos *Memoria, educación popular y gestión cultural comunitaria: convergencias y proyecciones desde la experiencia chilena (1985-2018)*ⁱⁱⁱ (escrito em 2020 com José Valdés) e *Educación Popular y lucha por los derechos humanos en Chile (1976-1989)* (escrito em 2024 com Fabian Cabaluz).

Nessa entrevista, realizada na capital chilena em 25 de março de 2024, Daniel Fauré Polloni foca nos principais impactos e transformações vividas pelo campo da Educação Popular com a Transição para a Democracia no Chile, abordando as conexões e distâncias entre as diferentes gerações de educadores e educadoras populares, suas diferentes formas de organização, atuação e articulação. Comenta sobre como diferentes grupos do pós-ditadura trabalharam com memórias dos movimentos populares e com a própria história da Educação Popular. Ao final, também aborda tensões e dificuldades na relação do campo da Educação Popular com o Estado chileno.

Esta entrevista faz parte de uma investigação sobre o campo da Educação Popular chilena durante a década de 1990, a qual busca compreender como movimentos vinculados a este campo tiveram suas práticas afetadas pelas transformações desse período, especialmente no que se refere à vinculação entre as lutas populares e as memórias coletivas. A pesquisa, fundamentada nos aportes metodológicos da História Oral e dos estudos das Memórias Coletivas^{iv}, se baseou na realização e análise de entrevistas com educadoras e educadores populares, em diálogo com uma bibliografia levantada sobre a Educação Popular

neste recorte específico. A presente entrevista foi realizada originalmente em espanhol, sendo traduzida pelo entrevistador e revisada pelo entrevistado.

Daniel, para começar, você poderia se apresentar e dizer como começou o processo militar na Educação Popular?

Daniel Fauré: Sempre me apresento como historiador social e educador popular. Historiador social de profissão e educador popular de vocação. Entrei no mundo da Educação Popular em 2000. Nessa época terminei o secundário e entrei na universidade, na Universidad de Chile em particular, e embora não estudasse na Faculdade de Filosofia e Humanidades, que talvez seja uma das faculdades com maior tradição organizativa, tive muitos contatos com gente de lá e aconteceu que, nessa data, o Centro de Estudiantes de la Facultad de Filosofía foi vencido por uma chapa de esquerda. Essa chapa propunha vários projetos e, dentro desses projetos, estava fazer um pré-universitário popular^v. Claro, para mim o pré-universitário era um assunto importante naquela época, porque eu venho de uma *población*^{vi}, de um bairro popular de Santiago, e de uma família de classe trabalhadora, e foi muito difícil para mim ingressar na universidade. Então, fazia sentido nesse momento poder contribuir com gente da minha classe social através de um exercício muito prático, muito simples, que era o pré-universitário.

Aí funcionavam dois pré-universitários, que era o pré-universitário Alfonso Chanfreau, que é o nome de um estudante de Filosofia detido desaparecido, e eu trabalhava em outro chamado pré-universitário popular José Martí. Depois de um ou dois anos, nós os fundimos e isso se transformou em um projeto que se chamou primeiro a Universidad Social Eduardo Galeano e, depois, o Movimiento de Educación Popular Eduardo Galeano, um projeto que durou cerca de 20 anos. Há pouco tempo fechou. Passaram várias gerações por esse projeto. Eu me desliguei do projeto por volta de 2011, mas ele continuou sendo desenvolvido por vinte anos na Universidad de Chile, na Faculdade de Filosofia e Humanidades.

Quando comecei a trabalhar nesses pré-universitários populares, lembro que rapidamente tivemos contato com outros educadores e educadoras da geração anterior, da geração antitadura. Nesse momento, fazíamos muitas oficinas de autoformação e, nessas oficinas, por exemplo, conheci Cecilia Sánchez, que é uma assistente social que também vem do mundo da Educação Popular e da sistematização de experiências, e eu conheci também o Mario Garcés, porque convidamos eles para que nos dessem oficinas de autoformação. O

encontro com os dois me abriu um pouco a perspectiva de dizer: isso que intuitivamente chamávamos de “Educação Popular”, na realidade, era uma corrente educativa que tinha história e não a conhecíamos, porque éramos a geração pós-ditadura, onde muito pouco dessa informação se debatia na universidade. As universidades continuavam presas em um debate muito tradicional.

Nessa organização, passei do pré-universitário popular a trabalhar em uma escola de nivelamento, uma escola para adultos, para trabalhar em um problema clássico da universidade no Chile: que seus funcionários não tinham terminado sua escolaridade, os expulsavam por “não terem completado o 4º ano do ensino médio”, como é dito aqui. Então, nós fazíamos escolas para que eles pudessem realizar as provas e ter sua escolaridade completa, para que não fossem expulsos. Foi aí que comecei a me envolver mais no tema da educação de adultos.

Mas o que sempre gostei foi o tema da autoformação. Então, começamos a estabelecer redes com outras organizações que estavam surgindo nessa época, de jovens da mesma idade que nós. Eu tinha 17 anos na época. 17, 18 ou 20 anos, não tínhamos mais do que isso, e todos trabalhávamos em pré-universitários populares, escolas de nivelamento de estudos e as primeiras “escolas livres”, que eram para meninos e meninas. Comecei a organizar espaços de autoformação e nesses espaços de autoformação conheci, por exemplo, Luis Bustos, que para mim é uma referência importante junto com Mario Garcés, porque Luis era, para mim, a principal referência em termos político-metodológicos de sua geração, e Mario era a principal referência em termos teóricos do que era a Educação Popular.

Em 2005 acontece uma mudança, para mim, importante – nessa época eu ainda era estudante de História – porque nesse ano uma organização chamada MOVER (Movimiento Nacional de Educadoras y Educadores Populares), uma coordenação de educadoras e educadores populares de diferentes partes do Chile, que eram, justamente, a geração da transição entre a ditadura e a democracia, gente que chegou a viver a ditadura, a lutar contra a ditadura e que mais tarde, na Transição para a Democracia, tentou se ajustar ao novo cenário; bem, o MOVER convocou em 2005 uma reunião de Educação Popular em Concepción, no sul do Chile. E esse encontro eu, como historiador, digo que é um marco fundante, porque em 2005 nos encontramos nesse espaço, em Concepción, cerca de 350 pessoas de diferentes lugares do Chile, de cerca de 50 organizações diferentes.

Foi um marco porque ficou visível, pela primeira vez, que havia uma nova geração, que éramos uma nova geração. Que gente como Mario Garcés ou Luis Bustos eram da geração dos anos [19]80, mas que nós éramos uma geração diferente. E que se a geração anterior havia sobrevivido graças ao desenvolvimento de ONGs, com financiamento externo da solidariedade internacional e que haviam entrado em crise nos anos 90 porque os fundos externos foram retirados e o Estado não quis se encarregar dessas ONGs, nós éramos uma geração muito mais precária, porque nossas organizações eram baseadas na autogestão – sem vínculo com o Estado, muitos sem vínculos com a academia –, mas profundamente enraizada em diferentes territórios.

Aí, no fundo, não só comecei a trabalhar em outras organizações, por exemplo no próprio MOVER, mas também comecei a entrar mais nessa ideia de investigar essa nova geração, a nova geração que surgiu desde o final dos anos 90 em diante, uma nova geração onde organizações como o COPODE (Cordón Popular de Educación) eram uma referência, por exemplo, porque tinham esse novo trabalho onde, a partir do cultural, tentavam reconstruir o tecido político que se perdeu durante os 90. E era, em geral, gente muito jovem, de uma nova geração, que nasceram na ditadura, mas que nos criamos na democracia, que não acreditávamos no conto da Transição e que estávamos buscando outra alternativa.

Eu fui parte dessa nova geração de educadores e educadoras populares que começa a se organizar no final dos anos 90 e durante a década de 2000 em diante. Uma geração que, infelizmente, tínhamos muito pouco vínculo com as gerações anteriores. Então, sinto que o meu trabalho, em particular, sempre esteve muito focado em levantar espaços de autoeducação, justamente para que se pudesse fazer o vínculo entre uma geração e outra. Isso fez com que, por exemplo, depois eu pudesse entrar no Colectivo Paulo Freire-Chile, pois o Colectivo Paulo Freire é da geração dos anos 80. É gente da geração dos 80, que nos 90 ficou sem trabalho e o rearticulou a partir da militância. Nesse coletivo, os únicos dois “jovens” que haviam eram Pilar Santander e eu. E aí eu me sentia fazendo essa ponte entre a geração de Luis Bustos, de Carlos Acevedo, de Eugenio Oyarzún, de David Órdenes, de Juan José Silva, com a geração nossa, que era mais jovem.

Assim, começaram a se dar várias articulações entre essa nova geração. O COPODE era uma articulação grande, o MOVER era outra articulação grande, mas depois começaram a aparecer outras organizações importantes. Aparece, por exemplo, a Escuela Pública

Comunitaria de Barrio Franklin [EPC], as escolas livres.... No meu caso particular, sempre buscando vincular o tema das gerações desde o histórico, pesquisando sobre o tema, e também desde o metodológico, fazendo a transferência do que foi a produção metodológica dos anos 80 e a atualizando para as novas gerações. Foi assim que entrei na Educação Popular. E, claro, depois no Colectivo Paulo Freire-Chile já trabalhamos diretamente em ir prestar apoio metodológico às organizações, levantando muitos espaços de formação e autoformação onde, em geral, eu me dedicava mais a compartilhar sobre a linha histórica da Educação Popular no Chile. Ou seja, de poder fazer o vínculo histórico. E em outros casos, também, à produção de material educativo, que foi um tema que aprendi com o Luis Bustos, que desenvolvemos em várias oficinas e cursos de especialização e depois eu continuei fazendo em diferentes territórios, e que faço até hoje em dia quando me convidam a trabalhar com alguma organização.

E como surgiu o MOVER?

Daniel Fauré: O MOVER surgiu em 2003, fundamentalmente por companheiras e companheiros de Concepción, que eram o grupo mais organizado. Mas, como te digo, surgiu a partir dessa geração de transição. O nascimento do MOVER aconteceu no TAF, de Viña del Mar. O TAF é uma ONG que surgiu, como muitas na ditadura, em um morro muito pobre em Viña del Mar, onde, através da Igreja, eram realizadas oficinas para crianças, de recreação, animação sociocultural, comunicação popular, financiada pela Igreja, até que, em algum momento, a Igreja deixa isso abandonado. Mas a sede no Cerro Forestal permaneceu. E a sede foi “tomada”, entre aspas, por garotos e garotas que haviam feito parte dos beneficiários do programa, por assim dizer, mas que já eram adultos, e que haviam se formado como educadores e educadoras populares. Essa gente, que depois estudou Serviço Social ou carreiras similares, para poder se manter ligadas ao que haviam vivido antes – porque no Chile não existe a carreira de Educação Popular, o mais próximo foi um curso técnico em Educação Social –, continuaram trabalhando com crianças, com mulheres *pobladoras*, e ficaram nesse espaço como ONG. Essas pessoas começaram a convocar, por sua vez, muita gente que ficou solta, por assim dizer, sem organização. Aí se forma o MOVER, em 2003, em um encontro em Viña del Mar.

A dinâmica do MOVER era muito interessante porque eram realizados “conclaves” (não se chamavam reuniões, mas sim conclaves, um pouco para importunar os conclaves da

Igreja). Eram feitos um ou dois conclaves por ano, onde nos encontrávamos em diferentes regiões do país para fazer autoformação, fazer análise de conjuntura, mas também – e acho que essa foi a grande contribuição de MOVER – fazer carinho em nós mesmos. Havia uma dimensão afetiva e de *pachanga*, como se diz aqui, de festa, que o resto das organizações mais políticas não tinham, e que partia dessa ideia de que efetivamente se configuram outras relações sociais não só desde o raciocínio, mas também desde o compartilhar, na festa. Aí eu aprendi muito do que poderíamos chamar de Pedagogia dos Afetos^{vii}.

Isso tem a ver, acredito eu, com essa geração ter passado um mau bocado. Entendo por essa perspectiva, porque é a geração que viveu a última etapa da ditadura e se engajaram em trabalhos populares, seja de Educação Popular ou de militância, inclusive de militância armada, e depois a Transição para a Democracia foi uma decepção tão grande que não sabiam como processá-la, porque, no fundo, desde cima nos diziam que a luta tinha acabado, mas desde baixo as pessoas queriam continuar lutando, porque se deram conta que a única coisa que havia era uma mudança de administração política, mas a base econômica continuava sendo a mesma. Então, acredito que essa geração passou um mau bocado muito porque, para além disso, todos aqueles que nos 80 eram educadores e educadoras populares, dos anos 90 em diante, para continuar trabalhando, para continuar subsistindo, começaram a precisar de diplomas em seus empregos. Então, muitos deles diziam “mas eu trabalho faz dez anos em uma ONG, sou monitor de crianças e a Igreja Católica me contratou, tenho um contrato há dez anos, sou educador popular”. E o que dizem para eles tanto a Transição quanto os políticos da Transição? “Sim, mas isso não é um diploma, você tem que certificar o diploma”. Então, tiveram que gastar do seu próprio bolso para obter diplomas profissionais e poder continuar fazendo o que faziam antes. Foi uma geração muito golpeada, diferentemente de nós, que éramos crianças durante a ditadura, e que adquirimos consciência já nos 90. Eles não, aqueles que vinham dos anos 80, foram uma geração que acumulou muita frustração com o modo como foi planejada nossa transição: sem povo.

Acho que isso explica porque buscaram essa forma de se articular: uma forma de se articular que fosse a menos rígida possível, numa estrutura o mais horizontal possível, algo que para nós, hoje, é super evidente, mas nos anos 90 era uma novidade. No Chile, pelo menos, era uma novidade uma organização horizontal que não funcionasse sem hierarquias ou um presidente, mas através de uma rede ou, como se dizia no MOVER, uma rede de afetos:

“esta é uma rede de afetos e nos juntamos porque somos movidos pelo afeto, pelo carinho pelo nosso povo, pelo carinho a nossa gente”. Em função disso, os encontros, os “conclaves” eram espaços basicamente para poder se formar, mas também para poder receber energia suficiente para continuar sobrevivendo nessa lógica neoliberal tão gritante.

Com o MOVER eu aprendi muito. Quando fui ao grande Encontro de Concepción, em 2005, esse encontro me marcou muito, porque senti que fazia parte de um movimento nacional, que eu não tinha visto antes. E lá o MOVER disse: “bem, convocamos quem quiser se somar que se somem, mas da forma mais livre possível”. E isso significou, por exemplo, que nós que éramos de Santiago, voltamos de Concepción para Santiago e formamos o que chamamos MOVER - Metro, o MOVER Metropolitano, que era uma instância de coordenação muito livre, porque você poderia ser de uma organização de base e ser do MOVER ao mesmo tempo. Eu vim, por exemplo, do Movimiento de Educación Popular Eduardo Galeano e ao mesmo tempo era do MOVER. E havia gente que não tinha mais militância além do MOVER. Isso às vezes não era entendido pelos demais, porque diziam: “beleza, mas o MOVER está por cima da organização ou por baixo?”. “Não, o MOVER está ao lado”. Isso muita gente teve muita dificuldade de entender. Mas o MOVER foi, basicamente, uma coordenação que funcionou muito bem de 2003 a 2010. Em 2010 vem o terremoto de 27 de fevereiro no Chile, um terremoto que atingiu com muita força a zona sul do país e as bases mais fortes do MOVER eram, justamente, no sul. Isso os desarticulou porque tinham que se concentrar mais na organização territorial, na reconstrução, e isso enfraqueceu muito o MOVER. Hoje continua existindo como uma rede muito informal, mas, no fundo, sua vida mais ativa foi mais ou menos de 2003 a 2012, por aí, e depois começa a se enfraquecer.

E esses “conclaves”, você acha que tinham algum vínculo de memória dos encontros de Punta de Tralca^{viii} dos anos 80? Imagino que não diretamente, mas...

Daniel Fauré: Não diretamente, como você bem disse, mas muita gente que participou da criação do MOVER participou em algum momento dos encontros em Punta de Tralca, não como organizadores, mas como público, como participantes que convidaram para Punta de Tralca. Como te digo, essa geração é precisamente dos que foram as crianças e os jovens educados por essa geração anterior. Te dou um exemplo muito concreto: David Órdenes, do Colectivo Paulo Freire-Chile, uma referência no Chile com sua ONG La Caleta, teve um trabalho educativo com crianças e jovens. Bom, nesse trabalho com crianças e jovens, por exemplo,

ele entrou em contato com um rapaz de uma *población* e o convidou para participar de algumas oficinas. O nome desse rapaz é Iván Rocabado. Iván era um usuário, por assim dizer, de políticas da ONG. E, em algum momento, David contrata, para ser oficineiro, um jovem ex-militante de esquerda radical que estava sem trabalho, que era Carlos Saavedra. Esses dois personagens, Iván e Carlos, são dois dos fundadores do MOVER. Dois dos fundadores, porque há vários mais. Então, como te digo, são pessoas que vieram da geração intermediária.

Então, no Chile há a geração “forte” dos anos 80, onde está o David Órdenes, Lucho Bustos, etc.; depois, vem a geração de transição, que é a do MOVER; e, daí, vem a nossa geração, a de Fabian Cabaluz, de Diego Cabezas, de Pilar Santander, a minha. São três gerações diferentes de educadoras e educadores populares. De fato, se há uma pessoa que é muito interessante entrevistar é Carlos Saavedra, um dos fundadores da MOVER. Porque Carlos Saavedra é um cara brilhante. Ele é bem discreto e bem humilde com o que sabe, mas é uma das mentes mais brilhantes da Educação Popular no Chile. E acho que, por sua própria experiência de ter passado por todo o espectro da esquerda, desde os grupos mais radicais até a Educação Popular, ele tem uma visão muito interessante disso, do que eu estou falando, do que na época chamamos de rede de afetos, a Pedagogia dos Afetos, que para nós era o símbolo do MOVER. Para te dar um exemplo: no MOVER era tão importante o debate da manhã sobre a situação política no Chile, tinha o mesmo nível de importância esse momento, do que a festa da noite, o *carrete*. Então, nos “conclaves” havia comissões que estavam encarregadas da análise política da manhã e comissões que estavam encarregadas do *carrete*. E ambos no mesmo nível de importância. Isso fez minha cabeça explodir naquele momento. Eu vinha com uma formação um pouco mais rígida e isso implicava em questionar também sua forma de se vincular com o outro, sua afetividade, sua sexualidade.

Eu lembro uma vez, como anedota, que estávamos em uma reunião do MOVER aqui em Santiago, com outras organizações de esquerda mais clássicas. Então, quando nos ouviram falar sobre essa questão, sobre a Educação Popular, sobre a rede de afetos, etc., um companheiro mais velho, de 50 anos na época, de uma organização de esquerda bem clássica, nos interpela e nos diz: “bom, tudo o que vocês me dizem me parece mais uma proposta da social-democracia”. Então, Carlos, esse amigo que te falei, diz para ele “mais do que da social-democracia a gente vem da sexual-democracia”. Aí obviamente acabou a reunião, e a outra organização ficou na bronca, né? Mas me fez muito sentido, porque tinha a ver com

provocação. Betza, Iván, Carlos... gente que me ensinou muito. Que me ensinou a me desarmar da estrutura tão rígida que trazia certa esquerda.

Imagino que essa estrutura rígida também tem a ver com a memória, inclusive corporal, da ditadura, da repressão, de estar sempre quadradinhos...

Daniel Fauré: Sim, mas acho que é o contrário. Durante a ditadura, as organizações populares davam muita importância à cultura popular, davam muita importância inclusive ao dançar, ao gritar, ao se expressar coletivamente. O complexo dos anos [19]90, aqui no Chile, é que nos disseram, primeiro, que o povo não existe, existe o cidadão; e, segundo, a cidadania são grupos de indivíduos, não conglomerados. Nos fizeram acreditar, na Transição para a Democracia, que efetivamente um bom cidadão era o cidadão que consumia, em termos individuais, mas que não se vinculava com os outros e outras. A geração que veio da ditadura dizia: “tudo era coletivo, quando íamos à Igreja era coletivo, quando protestávamos na rua era coletivo”. Então, o que nos tiraram, no fundo, foi a rua e a possibilidade de nos conformarmos como grupo. Mesmo nos piores períodos da ditadura, havia mais senso de coletividade popular do que na Transição para a Democracia. Então, nossa geração teve que recuperar isso. E é por isso que acredito que leva tanto tempo para recuperar isso, porque, a rigor, a expressão coletiva mais importante da nova geração na Transição foi apenas em 2006 com a *Revolução dos Pinguins*. Teve que passar uma geração inteira. Por isso, minha geração e a geração daqueles que viveram o fim da ditadura e os primeiros anos da democracia são gerações muito frustradas nesse sentido, porque nos cercearam muitas coisas e, entre elas, o sentido coletivo. Por isso somos uma geração muito, muito complexa.

Mas à sua pergunta: claro, essa geração de Transição são todos “filhos de Punta de Tralca”. Vêm com essa lembrança da ditadura. Por isso que é muito interessante, porque você fala de Luis Bustos e todo mundo o conhece. Todo mundo. Porque todos em algum momento estiveram em uma oficina do Lucho, seja nos anos 80, seja nos 90, ou foram para Punta de Tralca graças ao Lucho... Então o Lucho é uma referência, porque ele também serviu muito para vincular-se geracionalmente. Não há uma memória explícita, mas no MOVER, especificamente, havia uma intencionalidade de recuperar o que eram aqueles grandes encontros em Punta de Tralca. Neles era muito mais explícito. Depois, da minha geração em diante, menos, porque essa memória se perdeu, mas essa geração de Transição tinha sim a recordação do que foi a Educação Popular nos anos 80, os grandes encontros de Punta de

Tralca, a importância de se reunir uma vez por ano para fazer um balanço de como está indo o movimento, porque você acaba se perdendo no território e perde a noção do movimento nacional. Punta de Tralca permitiu que as pessoas se sentissem parte de um movimento, em uma época em que não havia redes sociais e onde a maioria dos setores populares nem sequer tinha um telefone. Então era muito difícil saber em que pé estava a outra pessoa. Por isso, por exemplo, o boletim *El Mensajero*^{ix} foi tão importante, pois chegou a publicar 5 mil exemplares em plena ditadura, que chegavam pelo correio às localidades mais distantes do centro do país. Então, você, por exemplo, em uma localidade perdida no sul do Chile, recebia esse boletim que vinha com um material educativo, vinha com as notícias do que estava acontecendo em outros lugares e você se sentia parte disso. Agora, é mais fácil, graças ao telefone, às redes sociais, enfim, mas naquela época não, naquela época não.

Por isso te digo que o encontro de 2005 do MOVER foi tão importante para mim, porque foi a primeira vez que me dei conta que a Educação Popular não era uma invenção de um par de pessoas de Santiago, mas que, primeiro, tinha uma presença a nível nacional e, segundo, que não estávamos inventando nada, que havia uma geração anterior. Nesse encontro, por exemplo, um dos palestrantes foi Luis Bustos. Aí pudemos perceber que havia histórias passadas e que tínhamos que ir recuperá-las.

E das organizações, quais as referências estavam ativas nos anos 90 e eram mais destacadas a nível de Santiago? Você falou, por exemplo, de La Caleta. Que outras referências haviam?

Daniel Fauré: Dos que permaneceram vivos dos anos 80 e seguiam sendo referentes estava La Caleta, (que se dividiu, depois há La Caleta e La Caleta Sur) e ECO, Educación y Comunicaciones, que seguiu sendo uma referência até agora, embora tenha fechado, infelizmente, no verão passado, depois de 40 anos de trabalho. Há o TAF, Taller de Acción Forestal, em Viña del Mar e o Taller de Achupallas, em Cerro Achupallas, mas ambos na Quinta Região. Mas em Santiago não havia muito mais. Não havia muito mais. Isso era no mundo das ONGs, daquelas que vieram dos anos 80. E das novas organizações, as referências mais importantes no final dos anos 90, que é quando o movimento começou a se rearticular, foram o COPODE (Cordón Popular de Educación), que agrupava principalmente organizações que vinham da esquerda mais radical, uma esquerda que também tem que se transformar nos 90 porque, no fundo, a repressão nessa década não parou e foi muito seletiva contra as e os

dirigentes populares de esquerda, que se deram conta que uma das poucas maneiras que tinham de continuar organizando as *poblaciones* mais emblemáticas era através da atividade cultural, o que fez aparecer muitas oficinas e pré-universitários populares.

Outra referência importante foi uma articulação de organizações que se chamava HipHoplogía e depois se chamou Red de HipHop Activista, oficinas de hip hop que eram realizadas em diferentes *poblaciones* e que, explicitamente, definiam que a Educação Popular era um de seus elementos. O que eles propunham na HipHoplogía é que a cultura hip hop é baseada, basicamente, em quatro ramos, que é o MC, o DJ, o graffiti e o breakdancing, mas eles adicionaram o quinto ramo, que era a autoeducação popular, fazendo com que eles comesçassem a fazer oficinas de Educação Popular em diferentes *poblaciones*. Vínculos com o COPODE eles também tinham, havia algumas oficinas que eram parte do COPODE.

Em Santiago, havia o COPODE, a Red de HipHop Activista e nós levantamos uma rede em 2003, 2004, que era a Red de educadores y educadoras populares de Santiago, que agrupava pré-universitários populares, escolas de nivelamento, algumas oficinas culturais. Havia isso e havia o MOVER no início dos anos 2000. O resto eram organizações soltas, não coordenadas. Então, referentes não tinham muitos. Fomos uma geração, eu sinto, muito lançada à ação, mas com muita pouca capacidade de sistematizar o que estávamos refletindo e o que estávamos fazendo. Por isso sempre considereei que fomos uma geração muito órfã, que não tínhamos muitos referentes para trás. Porque, perceba, o fato de eu nomear tão insistentemente o Luis Bustos e o Mario Garcés, tem a ver com que a maioria dessa geração, como se diz no Chile, “foi para casa”. A Transição para a Democracia os devorou. Confiaram na Transição, foram trabalhar nos ministérios ou, como se diz aqui no Chile, foram para casa. Se esqueceram da militância social, se recolheram em seus projetos pessoais e familiares. Muitos deles começaram a estudar, se formaram em seus cursos, se dedicaram a formar família. Então a gente era uma geração muito órfã, que não tinha referências de lá de trás. E os poucos que restaram, de tão poucos que eram, tornaram-se nomes que se repetem de novo e de novo, como o Mario, como o Lucho.

Precisamente porque a derrota do movimento popular nos últimos anos da década de 80 foi grande demais. Imagine, de 83 a 86 foram as Jornadas de Protesto Nacional, quando se tentou derrubar a ditadura por meio do protesto popular. Isso não funcionou. Então, as organizações *poblacionales*, depois de 86, entraram em uma crise brutal. Além disso, 86 foi a tentativa da via armada de assassinar Pinochet. Isso fracassa. Uma nova derrota e uma

gigantesca onda repressiva que fez com que muita gente que acreditava nesse caminho deixasse de apostar na via armada. E isso porque a via institucional, que é a do plebiscito, que acabou triunfando com o plebiscito revogatório de 88 e a eleição presidencial de 90, foi tão propagandisticamente exitosa, que muitas pessoas acreditaram no modelo de Transição para a Democracia proposto pela oposição moderada que negociou com Pinochet. Muitas organizações depositaram toda a sua confiança no processo político estatal e abandonaram as organizações de base. Então, o declínio das organizações populares é tão grande nos anos 90, que faz com que quem nasceu nessa década olhe para essa sociedade como uma sociedade desorganizada.

Imagine que em 1990 se estimava que havia 500 ONGs de Educação Popular no Chile. Eu sempre digo que era um exército de profissionais a serviço do povo. Em 1994, dessas 500 continuavam funcionando formalmente cerca de 200, mas ainda vinculadas à Educação Popular eram menos de 50. E no final dos 90, quase não sobravam, e as que conseguiram sobreviver foi porque aceitaram os fundos estatais e o Estado lhes disse: “eu te financio contanto que vocês não questionem a política neoliberal”. Então é um exército inteiro de profissionais disposto a fortalecer a organização popular que desapareceu. E esse é um exemplo muito radical do que aconteceu a nível nacional, porque em um período muito curto, de 90 a 94 já não sobrava nada, se desarticulou tudo.

Em 94, ano em que se desarticulou tudo, eu tinha 12 anos. Comecei a ir em minhas primeiras mobilizações aos 15 anos. E aí eu percebi que já não sobrava muita esquerda. A esquerda da via armada estava completamente deslegitimada pela Transição para a Democracia. A esquerda institucional, que acreditou no projeto de transição, estava completamente cooptada. E a esquerda extraparlamentar não tinha qualquer peso. Então, uma crise geral das esquerdas, uma desmobilização massiva, desarticulação das organizações populares e, como se não bastasse, com uma Igreja que havia sido aliada e que agora havia sido completamente reformada por uma onda conservadora. Não tínhamos nada. Por isso eu, em termos historiográficos, sempre digo que a década de 90 é uma década muito triste no Chile. Muito triste, sem horizonte.

Além disso, fora do Chile os horizontes também não eram tão bons.

Daniel Fauré: Claro, não tínhamos nada, nem fora nem dentro. Então por isso teve que passar uma geração inteira para que isso se rearticulasse. A nossa geração, que teve que

crescer politicamente um pouco nos anos 90, nos anos 2000 o fizemos muito intuitivamente, quando montamos as primeiras organizações de Educação Popular, porque nos fazia sentido a via cultural, o trabalho cultural e a cultura popular. Sem muita base teórica e muita pouca vinculação histórica. Fizemos isso por intuição, porque sentíamos que tínhamos que fazer algo e com muito pouco impacto a nível nacional. Portanto, apenas a geração que vai vir depois, que é a de 2006, eles sim souberam o que era o impacto a nível nacional. E por isso não é por acaso que a nossa geração, nessas mobilizações de 2006 a 2011, estávamos muito presentes, mas atrás, nos bastidores, apoiando a mobilização secundarista. Por exemplo, em cada escola ocupada que aparecia, sempre havia alguma organização de Educação Popular por trás dela que estava colaborando, fazendo oficinas, fazendo aulas, para dar mais conteúdo à ocupação. Mas, é claro, fomos um pouco como um batalhão de apoio à mobilização secundarista, que era a mobilização mais importante que tínhamos, pelo menos no espaço urbano.

Isso coincide também com o surgimento de outros movimentos sociais. No final dos anos 90 se fala que no Chile apareceu de novo uma nova geração de *pobladores* e *pobladoras*, quando ocorre a ocupação de Peñalolén. Então, o surgimento de uma nova geração de educadores populares coincide com uma nova geração de *pobladores* e *pobladoras*. Como eu disse, os anos 90 foram uma década horrível. Não foi até 2000 que começamos a rearticular um movimento social que, é claro, explode pela primeira vez em 2019, mas é um caminho de 15 ou 20 anos de acúmulo. Esse é o ciclo completo.

E qual é a importância da memória nesses movimentos dos anos 90?

Daniel Fauré: Olha, eu faria uma distinção aí, uma distinção talvez um pouco rígida, mas pode ajudar a esclarecer algumas coisas. Organizações como o COPODE ou a Red de HipHop Activista, por exemplo, embora fossem organizações que trabalhavam com Educação Popular, dizíamos naquela época que eram organizações populares que trabalhavam em educação. Por outro lado, organizações como a minha ou a MOVER eram organizações que trabalhavam a partir da Educação Popular. E o que marcava essa diferença? O fato de as primeiras darem muita ênfase à reconstrução da história do movimento popular e que os garotos e garotas, seu estudantado no fundo, pudessem se aproximar de uma memória da luta *poblacional*. Então, por exemplo, esses grupos faziam muita referência à memória das lutas populares, especialmente das lutas *poblacionais*. A Red HipHop Activista fazia um forte

vínculo de que eles eram a terceira ou quarta geração de *pobladores*, de gente que se organizou para conquistar a terra, que têm uma casa graças à luta popular e que são os que enfrentaram a ditadura através do protesto. E que, portanto, dentro de suas referências está a geração das fundadoras e fundadores da *población* e a geração que enfrentou a ditadura. Por exemplo, os irmãos Vergara, que são os lutadores-mártires mais importantes no interior do movimento popular. Acho que há muito trabalho de memória nessas organizações, mas focado em reconstruir a história do movimento popular.

Por outro lado, as organizações que vieram dessa outra linha, embora também trabalhássemos isso, estávamos um pouco mais interessados em reconstruir a história da Educação Popular. Então, por exemplo, tínhamos uma obsessão com [Paulo] Freire, que eu acho que permanece até hoje em dia. Era de novo e de novo voltar a ler Freire, voltar a visibilizar Freire. Porque era uma memória negada para nós. Descobrir que Freire tinha estado no Chile, coisas tão básicas como essa, mas que não as sabíamos. E compreender o contexto no qual Freire pensa a *Pedagogia do Oprimido*. Porque nós sempre dizíamos: o cara é brasileiro, mas a *Pedagogia do Oprimido* é um livro que está imerso na realidade chilena dos anos 70. Ou seja, ele vinha com sua reflexão do Brasil, mas no fundo o debate que o faz escrever esse texto, entre aspas, “teórico”, é o debate político que havia no Chile. Então o consideramos um texto mais chileno do que brasileiro, não é? E havia uma obsessão em voltar de novo e de novo à *Pedagogia do Oprimido*, por exemplo. Porque estávamos muito empenhados em poder propor que as práticas que nós tínhamos eram uma alternativa pedagógica para o povo. Desde o povo e para o povo, mas eram uma alternativa pedagógica.

Então a nossa reconstrução da memória eu acho que teve muito a ver com a reconstrução dos referenciais teóricos e metodológicos que a tínhamos para poder dizer que a nossa proposta educativa era uma proposta válida. E aí, claro, o referente básico sempre era Freire e a nossa referência metodológica era o CIDE [Centro de Investigación y Desarrollo de la Educación]. A proposta do CIDE, de Juan José Silva, de Lucho Bustos, enfim. E trabalhamos muito em torno disso. Muito insuficiente porque não enxergávamos além disso, mas era como a obsessão da minha geração.

Nesse sentido, hoje vejo uma abertura muito maior. Essa proliferação que existe de escolas livres que estão trabalhando com crianças fez com que várias organizações passassem a tirar suas próprias reflexões. Por exemplo, as pessoas da La Otra Educación, essa

coordenação que tem em seu site suas próprias reflexões, super interessantes. E eles têm uma busca por referências latino-americanas chegando a Santiago Morales ou a Gabriela Magistris, essa gente na Argentina que vêm refletindo sobre essas questões. Há uma busca mais consciente por novas redes e referências. Naquela época, nos 90, com menos acesso à tecnologia, à internet, para nós encontrar um texto de Freire era encontrar uma joia. Então, tratávamos de socializá-lo, compartilhá-lo. Ou os primeiros textos de Oscar Jara, também, os primeiros textos de sistematização que chegaram ao Chile. Nos encarregamos de copiá-los e difundi-los. Eram os autores que mais líamos naquela época.

Então, como te digo, existem duas buscas de memória. Uma busca mais focada em recuperar a história do movimento popular no Chile, e outra busca mais focada em dizer quem são nossos referentes como educadores e educadoras populares. Muito desencadeado também pela necessidade de nos validarmos frente à academia, que nos desprezava muito. Lembro que nós na Universidad Social Eduardo Galeano vivemos um marco que foram os 30 anos do golpe de Estado, em 2003. Me lembro que fizemos muito trabalho de memória ligado a resgatar a memória da Unidad Popular, que é a memória negada no Chile, resgatar a história dos cordões industriais, resgatar a figura do MIR [Movimiento de Izquierda Revolucionaria]. O MIR era um referencial transversal desde o COPODE até nós, porque no fundo era a expressão mais genuína de uma esquerda revolucionária. Então, havia muito interesse em resgatar a figura do Miguel Enríquez, resgatar a figura do MIR, dos cordões industriais durante a Unidad Popular... Resgatar a história dos detidos desaparecidos. E, como te digo, resgatar um pouco a história da Educação Popular. Isso eu diria que eram as buscas mais conscientes de memória.

Mas, é claro, estávamos tão obcecados às vezes com a história de Freire e a história do movimento popular, que pulamos a geração dos anos 80 na Educação Popular. Não houve investigação sistemática disso. Por isso, quando fui fazer minha dissertação, a pesquisa que havia no Chile era muito, muito pouca. Trabalhos de investigação como os feitos por pessoas como Fabian Cabaluz, Camila Silva, Leonora Reyes ou esses primeiros escritos meus foram os primeiros em muito tempo, não tínhamos referências para trás, não tínhamos. Tínhamos um vazio historiográfico grande, muito grande, na Educação Popular.

Acho que no Brasil também ocorre um pouco disso. Me parece uma constante da Educação Popular.

Daniel Fauré: Bom, você sabe melhor do que eu, mas acho que no Brasil, por exemplo, tendo essa corrente da Pedagogia Histórico-Crítica tem mais debate sobre isso, não é? Aqui no Chile não, estamos mais pobres de teoria.

Continuando com o tema da memória trabalhada pela Educação Popular nos 90, houve processos de espoliação, por parte do Estado ou mesmo de organizações empresariais? Tenho pensado muito sobre a importância da intencionalidade política na Educação Popular e como outros agentes utilizaram parte do que o campo da Educação Popular construiu historicamente, mas com outros objetivos políticos, principalmente quando essa memória aparece com atores mais hegemônicos.

Daniel Fauré: Sim, aconteceu nos 90, mas com relação a geração dos 80. O que aconteceu nos anos 90 é que a Concertación de Partidos por la Democracia, esse grupo político que assume o Governo nos 90, quando teve que encher o Estado de gestores de nível intermediário, por exemplo, o Ministério da Educação, fizeram o exercício de trazer profissionais que vinham do mundo das ONGs e da Educação Popular para que fossem seus técnicos, seus gestores de nível intermediário, mas com a definição política da Concertación. Ou seja, “vamos aprofundar um modelo neoliberal, mas ajustando o modelo para os pobres que estão ficando muito para trás nisso. E para ajustar esse modelo com os pobres, os que sabem sobre os pobres são vocês”, disseram àquela geração. Por exemplo, no CIDE, que era uma referência na década de 1980, toda a equipe de investigação do CIDE foi trabalhar no Ministério. Aí há referentes importantes como Juan Eduardo García-Huidobro que se transformaram agora em referências das políticas ministeriais.

No fundo, as bases ficaram sem intelectuais. E aí o que a Concertación fez, inteligentemente, foi ajustar o modelo neoliberal, implementando programas focalizados voltados à pobreza, aos setores mais pobres. E esses programas focalizados, muitos se baseavam metodologicamente na Educação Popular. Aí vem o que foi chamado, por exemplo, de programa P900, que foi um programa de intervenção nas 900 escolas mais pobres do Chile. E foi feito com metodologia de Educação Popular. Então, há uma divisão, um corte, muito nítida que faz a Concertación dizer “essas pessoas sabem de metodologia”, o que hoje se chama de *know-how*, o saber fazer do terreno, mas a direcionalidade política disso, será dada pela Concertación e pelos engenheiros da educação, que são pessoas que no fundo não têm vínculo com a base popular e que vêm replicar os modelos da Europa,

basicamente. Aí ocorreu como uma transferência da experiência acumulada na ditadura da Educação Popular para a educação formal. No entanto, seu impacto foi muito marginal.

No final dos anos 90, já a partir de 2000 em diante, quando chegou o momento de fazer um balanço, o balanço que podia ser feito pelas pessoas que apostaram no Estado é muito pobre, porque não conseguiram dobrar o Estado para que as políticas do Ministério da Educação tivessem um sentido social. Nem sequer quero dizer popular, mas pelo menos social. O único do CIDE que conseguiu chegar a ser ministro da Educação foi Ernesto Schiefelbein, em 93 e durou muito pouco no cargo, o tiraram imediatamente. E a partir daí todos os ministros da Educação têm sido tecnocratas, advogados ou engenheiros. Então, não alcançaram seu objetivo, que era tentar incidir no Estado.

E se gerou uma divisão tão nítida que, eu sei que no resto da América Latina não é assim, mas no Chile quando você diz Educação Popular dos anos 90 em diante, é sempre um fenômeno que acontece fora da escola. Sempre. É incompatível dizer Educação Popular dentro do sistema escolar. Isso não existe, não existe. Por exemplo, na Argentina sim, eu conheço todo o desenvolvimento dos *bachilleratos populares*, que tem a ver com um diálogo, uma negociação com o Estado. Aqui não. Nosso Estado é tão neoliberal que no fundo não há vínculo. Todas as expressões de Educação Popular que nomeei para você, todas surgem fora do sistema escolar e não buscam impactar o sistema escolar. Não há uma ponte aí. De fato, demorou muito tempo para que organizações como a EPC, para citar uma, mas há várias, se colocassem: “bom, por que o que fazemos fora do Estado não pode ter um reconhecimento do estatal?”. Mas esse debate no início dos anos 2000 era impossível. Porque até eu naquela época teria dito: “beleza, mas isso significa cooptação pelo Estado, blá, blá, blá”. Por isso que nos 90 não se debateu, no começo de 2000, tampouco; só agora, quando surgiram projetos como o Colegio Paulo Freire ou a EPC, tivemos que começar a discutir seriamente a possibilidade de incidir no Estado. E também tem a ver com o fato de que vários de nós começamos a trabalhar, por exemplo, no espaço acadêmico, algo que nunca teríamos imaginado. Isso nos obrigou a pensar de que forma a Educação Popular poderia incidir, por exemplo, na universidade ou no sistema público de educação. Mas esse é um debate ainda muito pobre no Chile, muito incipiente. Por isso, eu te diria que apenas depois de 2011 se iniciou um debate no interior da Educação Popular, do que passamos a denominar naquela época de “profissionalização da Educação Popular”. E esse debate era sobre até que ponto podemos, a partir da Educação Popular, construir uma espécie de sistema anexo ao sistema

formal, onde o Estado financie, mas a comunidade decida, muito na lógica de replicar a ideia dos *bachilleratos populares*, ou podemos diretamente incidir no debate interno da academia e, tomara, no debate interno do Ministério.

Esse processo de profissionalização, como te digo, é algo que só começou a ser debatido depois de 2011. E por que depois de 2011? Porque em 2011 percebemos que o movimento estudantil colocou em xeque discursivamente o sistema neoliberal como um todo e, pela primeira vez, houve um campo favorável para abrir esses debates. Antes não estava aberto. Então, são 20 anos em que a Educação Popular no Chile esteve completamente fora do sistema formal e não pensou em nenhum momento de que forma incidia. Toda a nossa reflexão era: como rearticulamos o movimento popular? Como rearticulamos um movimento de base? Como rearticulamos o movimento *poblacional*? Como rearticulamos o movimento estudantil? Como nos configuramos como movimento de Educação Popular como movimento social? Mas nunca nosso debate passava pelo Estado. Então são 20 anos perdidos de debate nessa área.

Referências

- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.
- CIDE – Centro de Investigación y Desarrollo de la Educación. **Informe evaluativo del proyecto Talleres de Educación Popular (Punta de Tralca, 1986)**. Santiago, Chile: CIDE, 1987.
- FAURÉ, Daniel; GARCÉS, Mario. **A construir soberanía popular y educación popular constituyente**. Guía práctica para movimientos Sociales. 1ª ed. Santiago de Chile: ECO, Educación y Comunicaciones; Ediciones Estrella Sur, 2022.
- FAURÉ, Daniel; VALDÉS, José. Memoria, educación popular y gestión cultural comunitaria: convergencias y proyecciones desde la experiencia chilena (1985-2018). **Revista nuestrAmérica**, v. 8, n. 15, Concepción, Junio 2020.
- GARCÉS, Mario. **Tomando su sitio**: El movimiento de pobladores de Santiago, 1957-1970 / Mario Garcés Durán. – 1ª ed. Santiago: LOM Ediciones, 2002.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **História oral, sociologia e pesquisa**: a abordagem do CERU. São Paulo: Humanitas: CERU, 2010.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a tecnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: USP: Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1985.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível ao dizível”. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Experimentos com histórias de vida**: (Itália- Brasil). São Paulo, SP: Vertice: Revista dos Tribunais, 1988.

Notas

ⁱ Contato: daniel.faure@usach.cl. Site: usach.academia.edu/DanielFaure.

ⁱⁱ Fauré; Garcés, 2022.

ⁱⁱⁱ Fauré; Valdés, 2020.

^{iv} Como em Queiroz (1985; 1988), Bosi (2003) e Lang; Campos; Demartini (2010).

^v Próximo do que seria um cursinho popular no contexto brasileiro (Nota da Tradução).

^{vi} As *poblaciones* são áreas de moradia popular precária que surgiram no Chile principalmente através de ocupações de terra, sendo uma forma de responder aos problemas de habitação popular no país. Se constituíram como um dos principais meios de organização popular no país a partir de meados do século passado (Garcés, 2002) (Nota da Tradução).

^{vii} A *Pedagogia dos Afetos* é uma categoria que começou a ser trabalhada no interior do MOVER-Chile, sobretudo após o Encontro Nacional de Educação Popular de 2005, em Concepción, Chile. Embora nunca tenha sido desenvolvida teoricamente em algum documento da organização, foi referenciada em comunicados e oficinas, se relacionando com a necessidade de gerar vínculos entre as classes populares a partir do corpo, da afetividade, do riso e da festa, como estratégia de recomposição social. Além disso, fazia referência a uma crítica a certos setores da esquerda mais ortodoxa no Chile, para os quais o afetivo, o corporal e o festivo eram vistos como esferas secundárias nos debates sobre a mudança social (Nota do Entrevistado).

^{viii} Encontros organizados pelo Programa de Educação Popular do CIDE - Centro de Investigación y Desarrollo de la Educación por cerca de uma década, a partir de meados dos anos 80, nas dependências da Companhia de Jesus situada nessa localidade da costa central do Chile. O objetivo inicial dessas oficinas era a capacitação de quem trabalhava com organizações populares através de metodologias de Educação Popular (CIDE, 1987). Ao todo, esses encontros reuniram milhares de participantes, vindos de norte a sul do Chile, assim como de outros países latino-americanos (Nota da Tradução).

^{ix} Publicação vinculada ao Programa de Educação Popular do CIDE (Nota da Tradução).

Sobre o autor

Ian Gabriel Couto Schlindwein

Educador no Coletivo de Educação Popular Flor de Maio. Doutorando e mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp (FE/Unicamp), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Crítica Social (GEPECS). Graduado em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH/Unicamp). O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil, processos nº 2021/03013-2 e nº 2023/06694-6.

E-mail: iangabrielcs@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5590-4881>

Recebido em: 17/09/2025

Aceito para publicação em: 02/03/2026